

A Epopeia do Homem em António Gedeão / Rómulo de Carvalho

Isabel Rio Novo*

Ao mencionarmos no título desta comunicação a epopeia do Homem, para além de evocarmos a temática e a tonalidade épicas presentes na obra de António Gedeão/Rómulo de Carvalho, pretendemos também situá-la em relação (reacção?) a um projecto poético nascido em França na segunda metade do século XIX, quando, estribada nos avanços realizados pelas ciências experimentais e alentada pelas correntes positivistas, a expressão da fé na ciência e do entusiasmo pelo progresso técnico conquistou as artes e a literatura.

Recuperando do Romantismo a ideia da função social da poesia, poetas e teorizadores que a história literária coloca hoje no âmbito do Realismo-Naturalismo consignam, então, à poesia a missão de cantar os progressos materiais e morais do seu tempo e de propalar a confiança na marcha ascensional da humanidade. Nascia dessa forma a ideia de uma epopeia da humanidade de temática científica e/ou filosófica, destinada a contribuir para a consecução do projecto de redenção social, tentada e/ou teorizada por autores como Maxime Du Camp, Sully Prudhomme, Jean-Marie Guyau, Louis Desprez, Henri Fèvre, Eugène Véron ou Mme Ackermann, de certo modo ainda inspirados no modelo poético hugoliano de *La Légende des Siècles* e marcados pelo ideário de pensadores como Michelet, Hegel e Vico.

É por essa altura que o crítico literário Jules Lemaître anuncia com entusiasmo o advento da poesia da ciência, explicando que esta não consistirá em construir com o vocabulário científico perífrases poéticas engenhosas, como sucedia na poesia didáctica de Setecentos, mas que as próprias descobertas científicas oferecerão uma substância poética rica e impressionante. Em primeiro lugar, o domínio sobre as forças da natureza que as invenções técnicas e os conhecimentos científicos asseguram desperta no homem moderno sentimentos de euforia, de orgulho e de heroísmo que se extravasam naturalmente numa expressão lírica; em segundo lugar, alargando a face exterior da vida do homem e, inerentemente, o interior da alma humana, a ciência alarga, inevitavelmente, o âmbito da matéria poética; em terceiro lugar, a visão que a ciência oferece sobre a natureza e sobre o próprio homem desmistificam a imagem de ambos

* Instituto Superior da Maia. Membro do Centro de Estudos de Língua, Comunicação e Cultura (CELCC) e do Centro de Estudos em Letras (CEL), uID 707-FCT.

construída pelas religiões. Acresce que a poesia, em virtude das suas capacidades sintéticas e não analíticas, permitirá sintetizar os dados incompletos fornecidos pela ciência, intuindo as realidades presentes e antecipando as realidades possíveis.¹

Se a temática propriamente científica na poesia deixou menor rasto imediato na nossa literatura, a tentativa de elaboração poética de uma história filosófica da humanidade foi abraçada, como se sabe, por Teófilo Braga, surgindo expressa, em versão definitiva, nos cinco volumes de *Visão dos Tempos* (incluindo, para além da obra com o mesmo nome, *Tempestades Sonoras*, *A Ondina do Lago*, *Torrentes* e *Miragens Seculares*). A epopeia da humanidade foi incessantemente tentada e teorizada (lembro as constantes reedições e refundições teofilianas) pelo grande divulgador do positivismo em Portugal, como sendo a expressão através de símbolos poéticos dos progressivos estados de consciência em que evoluíram as civilizações, deduzidos dos acontecimentos da história da humanidade. A história era, assim, entendida como a sequência dos esforços heróicos de cada geração e de cada indivíduo contra as superstições. No quadro desta visão eufórica, o conhecimento através da poesia da verdade patenteada na marcha do homem permitiria, em última instância, antever os seus sonhos realizáveis, o seu provável destino.²

Alguns poetas e críticos de influência positivista seguiram o caminho apontado pelo autor *d'As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*. Lembremos o discípulo de Teófilo Braga, Teixeira Bastos, autor das colectâneas poéticas *Rumores Vulcânicos* (1879) e *Vibrações do Século* (1882), marcadas pela celebração do processo histórico de descoberta da verdade e de abolição da superstição e do fanatismo, assinalada, no livro central das *Auréolas Luminosas*, pelo perfil poético dos chamados lutadores do ideal, numa galeria em que, entre outros, figuram Aristóteles, Arquimedes, Galileu, Guttenberg, Colombo, Descartes ou Benjamin Franklin³. Lembremos também Luís de Magalhães, antes de enveredar pelo Neo-Garrettismo finissecular, no volume de poesia de índole filosófica e científica *Odes e Canções* (1884), afinado, sobretudo no que respeita às odes, pelo tom sonoro da epopeia, consentâneo com uma poesia da

¹ Jules Lemaître, *Les Contemporains. Études et Portraits Littéraires. Première Série*, Paris, Librairie H. Lecène et H. Oudin, 1886, pp. 61, 62. Sobre a teorização da epopeia da humanidade de temática científica e/ou filosófica na literatura francesa de Oitocentos, veja-se o capítulo "A missão social da poesia filosófica e científica" de Isabel Rio Novo, *A Missão Social da Poesia. Teorizações Poéticas em Portugal e Suas Orientações Francesas*, Maia, Publismai, 2008.

² Veja-se, no mesmo estudo, o capítulo "Teófilo Braga e a epopeia nova".

³ Teixeira Bastos, Poema introdutório, *Vibrações do Século*, Lisboa, Nova Livraria Internacional – Editora, 1882, p. XI.

história e da ideia, vocacionada para conduzir a humanidade em direcção ao "Ideal", à "Nova Crença", ao "Amanhã"⁴.

No entanto, muito por força de impasses estéticos e subjectivos, os rumos que o virar do século XX abriu à poesia pouco tiveram a ver com esta missão utópica de paladina do progresso e de adjuvante da ciência, propagada em França na segunda metade do século XIX e repercutida em Portugal. Se, por um lado, poetas e críticos cedo se deram conta da dificuldade de a poesia absorver noções científicas e filosóficas, sem desvirtuar as suas especificidades estéticas, por outro lado quase todos acharam incomportável conciliar a expressão das especulações filosóficas e das dúvidas íntimas dos poetas com a tonalidade positiva e eufórica que se procurava que fosse impressa na poesia moderna. Muitos autores, então, alheios à influência positivista, consideraram que só as inovações científicas reflectem, de facto, o progresso contínuo da humanidade, ao passo que a obra literária, tirada do mais íntimo do espírito humano, apenas ilusoriamente pode ser entendida como um reflexo ou um agente desse progresso. Isso mesmo afirmou, entre outros, D. Francisco Manuel de Melo Breyner, o Conde de Ficalho, um dos Vencidos da Vida, curiosamente também ele um ilustre cultor das ciências e das letras (membro da Academia das Ciências de Lisboa, sócio da Sociedade de Geografia, professor de Botânica na Escola Politécnica de Lisboa, autor de vários estudos eruditos, mas também de biografias históricas, tradutor e até novelista, em *Uma Eleição Perdida*).⁵

Em Portugal, tivemos de esperar mais de meio de século até à revelação de um Professor de Ciências Físico-Químicas desdoblado em poeta, que alcançou efectivamente e sistematicamente a simbiose perfeita entre o conhecimento científico e a expressão poética, reflectindo nesta uma concepção do mundo e da existência humana devedora das conquistas técnicas e científicas, sem no entanto manifestar a confiança ingénua dos positivistas no poder da ciência para conduzir a humanidade a um estágio superior da civilização, nem sequer a crença inabalável na existência desse progresso contínuo. Não o permitiam nem a sua lucidez crítica, nem o contexto histórico-social em que viveu e escreveu, tão afastados do entusiasmo messiânico e da certeza programática do positivismo, tão marcados pela consciência e pela convivência com o absurdo. Falamos daquele cujo centenário ontem e hoje assinalamos, António

⁴ Luís de Magalhães, "Ode aos artistas", *Odes e Canções*, Porto, Magalhães & Moniz – Editores, 1884, pp. 97-101.

⁵ Francisco Manuel de Melo Breyner, *Garcia da Orta e o seu Tempo*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1886, pp. 389, 390.

Gedeão/Rómulo de Carvalho. Será exagero querermos descortinar esse aparente paradoxo – a atracção pela visão épica da história e da realidade *versus* o desencanto face aos fracassos humanos – já nos tentames poéticos da criança precoce que aos onze anos decidiu continuar *Os Lusíadas*, compondo as primeiras doze estrofes de um Canto XI, mas consagrando essas estâncias às consequências da derrota e da morte de D. Sebastião em Alcácer-Quibir?

Rómulo de Carvalho e António Gedeão são naturalmente herdeiros da desmistificação do homem operada em Setecentos e Oitocentos. O homem não é, desde então, nem o barro modelado pela mão divina, nem o herói do drama num palco trágico; é um mamífero composto de sais, carbono e hidrogénio, um "animal aflito", restituído à sua efectiva animalidade, mas também "universo em expansão", que oscila entre a grandeza e a pequenez, "desde mais infinito a menos infinito".⁶ Doravante, será sobre a consciência da sua humanidade, simultaneamente solidão e simbiose com o universo, interacção e singularidade, que o homem poderá erigir a sua grandeza. Como? Já não é o micro-cosmos que reflecte individualmente o macro-cosmos divino, mas continua a ser a medida de todas as coisas através do seu pensamento, que é como quem diz a sua capacidade de conhecer e criar. Afirmo Rómulo de Carvalho, em *A Descoberta do Mundo Físico*:

O Homem é a medida de todas as coisas. Os átomos são diminutos e as estrelas imensas à escala das dimensões do Homem. Mas o pensamento humano, esse, não tem dimensões. Penetra na pequenez do átomo e ocupa-o; invade a vastidão das estrelas e preenche-as.⁷

Não deixamos de encontrar na poesia de António Gedeão uma tonalidade eufórica, mais vincada nos primeiros volumes de poesia, *Movimento Perpétuo* e *Teatro do Mundo*, que se traduz na percepção alegre das conquistas da ciência e do pensamento humano, que as impulsiona e delas decorre. Assim, no *Poema do homem-rã*, começando por se confessar "feliz por ter nascido/ no tempo dos homens-rãs/ que descem ao mar perdido/ na doçura das manhãs", o sujeito poético acaba por fundir-se nessa entidade gloriosa que desvendou os segredos do mar e desfez as superstições

⁶ António Gedeão, "Homem", *Obra Completa*, Lisboa, Relógio D'Água Editores, 2004, p. 91.

⁷ Rómulo de Carvalho, *A Descoberta do Mundo Físico, Cadernos de Iniciação Científica*, 1ª ed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

("Onde as sereias de espuma?! Tritões escorrendo babugem?! E os monstros cor de ferrugem/ rolando trovões na bruma?"), proclamando:

Eu sou o homem. O Homem.
Desço ao mar e subo ao céu.
Não há temores que me domem
É tudo meu, tudo meu.⁸

Pedra Filosofal, além do canto eufórico das vitórias do Homem, das suas conquistas artísticas e técnicas, proclama a inscrição do sonho e da apetência pelo progresso na própria natureza humana, como, aliás, na natureza em geral. O sonho é "uma constante da vida/ tão concreta e definida/ como outra coisa qualquer". Permitam que deduza dos primeiros versos deste poema, sobejamente cantados e decantados, mais um sentido que me parece revelador: A aspiração do homem ao sonho e ao progresso é tão natural, tão fiel à natureza do homem, como é fiel à natureza do "ribeiro manso" os seus "serenos sobressaltos" ou à natureza dos "pinheiros altos" a sua agitação. Simplesmente, é essência do homem ser, além de um ente biológico, um ente cultural, acrescentar à natureza, como define a antropologia, donde a concretização do sonho num conjunto de inventos, de proezas, de materializações.⁹ Nada de estranho ao ideário de um homem que confessava, em carta a Jorge de Sena, receber "sempre o sentimento do mundo através de uma viva interpenetração de todas as coordenadas humanas, todas, sem excepção."¹⁰

A expressão da crença nas amplas possibilidades do homem, acalentadas por tudo o que este descobriu e conquistou, patenteia-se na longa enumeração que compõe o núcleo de *Pedra filosofal*, cuja toada resulta num efeito acumulativo confortador. Do lado do homem estão, assim, não só as forças da natureza ("Quero eu e a Natureza,/ que a Natureza sou eu,/ e as forças da Natureza/ nunca ninguém as venceu.", como diz o Homem Nascido na *Fala do Homem Nascido*)¹¹, mas igualmente tudo aquilo que, pelo seu próprio engenho, criou. Mais estridente e eufórica é a enumeração triunfante da *Ode Metálica*, de *Teatro do Mundo*, uma celebração jubilosa e fremente do domínio do homem sobre a matéria:

⁸ António Gedeão, "Poema do homem-rã", *Obra Completa*, ed. cit., pp. 148, 149.

⁹ António Gedeão, "Pedra filosofal", *Obra Completa*, ed. cit., pp. 104, 105.

¹⁰ Rómulo de Carvalho, "[Cartão a Jorge de Sena, 3-4-59]", *Obra Completa*, ed. cit., p. 316.

¹¹ António Gedeão, "Fala do homem nascido", *Obra Completa*, ed. cit., p. 117.

Bailemos, homens, bailemos.
Com festões engrinaldemos
as mãos que forjam metais.
Nossos troncos reluzentes
à luz dos fornos candentes
como bronzes triunfais.
Bailemos, homens, bailemos.
E a plenos pulmões gritemos
a sinfonia estridente
das bigornas do ferreiros,
das chapas dos caldeireiros,
das limas dos limadores,
dos maços dos batedores,
das serras dos serralheiros,
das tenazes dos fogueiros,
das correias dos motores,
das brocas dos brocadores,
dos cadinhos dos forneiros,
das pinças dos caldeadores,
todos, à uma, bailemos,
frenéticos tangedores,
troncos nus e reluzentes
à luz dos fornos candentes,
orquídeas de furta-cores,
rubros vermelhos e brancos,
bailemos todos, bailemos
como doidos saltimbancos,
bailemos e entoemos,
a plenos pulmões berremos
sinfonias estridentes,
chispemos, esparrinhemos
centelhas incandescentes,
e em girândola elevemos

nossos rostos como tochas,
nossos braços como asas,
filhos da escória e das rochas,
irmãos do fogo e das brasas.¹²

A disseminação dos pressupostos científicos contemporâneos surge por vezes, tanto na obra científica de Rómulo de Carvalho como na obra literária de António Gedeão, associada à homenagem dos homens da ciência, como fizeram alguns dos poetas realistas-naturalistas acima evocados e mesmo Bocage, elogiado por António Gedeão num texto crítico acerca do poeta publicado na revista *Colóquio/Letras*, por ter compreendido "claramente qual era o papel do homem de ciência na história do seu tempo e o lugar que lhe estava reservado no mundo presente e futuro"¹³, no fundo, por ter sido, como diz em *O Texto Poético...* "um desses ser[es] atento[s] aos acontecimentos que o[s] rodeiam, e envolvem".¹⁴ Escreve Gedeão:

Ele, Bocage, sabe que o vulgo não compreende o valor da Ciência, e muito menos que seja motivo de expressão poética, mas ele sim, sabe, sente, compreende a ponto de lhe dar primazia na ocupação humana e de se dispor a afinar a lira por tal diapasão. Não te importes, lira, com «o negro bando das torpes gralhas», despreza-as e aplaude o homem que estuda, que sabe, que pratica a Ciência. Essa é a maneira moderna de o Homem se immortalizar, de alcançar para si «o antídoto da morte».¹⁵

A respeito da ciência como motivo de expressão poética e razão para a imortalidade do homem que a cultiva, lembramo-nos inevitavelmente do *Poema para Galileo*, concebido para assinalar o quarto centenário do sábio italiano, onde a intenção de homenagem se desdobra na explanação de algumas das leis da ciência que configuram a concepção moderna do universo herdada daquele. Ora, no livro *A Física Experimental em Portugal no Século XVIII*, Rómulo de Carvalho escrevia:

¹² António Gedeão, "Ode metálica", *Obra Completa*, ed. cit., pp. 119, 120.

¹³ António Gedeão, "O sentimento científico em Bocage", *Obra Completa*, ed. cit., p. 605.

¹⁴ Rómulo de Carvalho, *O Texto Poético como Documento Social - Palavras prévias*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Outubro, 1994.

¹⁵ António Gedeão, "O sentimento científico em Bocage", ed. cit., p. 613.

Entendiam os Antigos, por exemplo (e assim o entende, espontaneamente, qualquer pessoa impreparada), que um corpo mais pesado do que outro deve cair, em queda livre, mais rapidamente do que esse. E como isso lhes parecia evidente, a evidência lhes bastava para o afirmarem. A sua mentalidade, o seu ambiente cultural, a sua maneira de encarar e de apreciar as situações que se lhes apresentavam, não os instigavam a verificar se realmente seria verdade, embora não tivessem a menor dúvida sobre isso, de inventar qualquer processo que lhes permitisse medir o tempo da queda de diferentes corpos, quanto mais não fosse para reforçarem, perante outros, a sua convicção. Faltava-lhes o espírito humilde que aceita a dúvida, essa dúvida que Descartes arvorou em ponto de partida da sua metodologia.¹⁶

No *Poema para Galileo*, recorde-se, esta mesma concepção errónea dos antigos é plasmada poeticamente:

Eu,
e quantos milhões de homens como eu
a quem tu esclareceste,
ia jurar – que disparate, Galileo!
– e jurava a pés juntos e apostava a cabeça
sem a menor hesitação –
que os corpos caem tanto mais depressa
quanto mais pesados são.

Pois não é evidente, Galileo?
Quem acredita que um penedo caia
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.¹⁷

Se a compreensão das conquistas da ciência e do papel dos cientistas na condução da evolução da humanidade são constantes quer em Rómulo de Carvalho quer

¹⁶ Rómulo de Carvalho, *A Física Experimental em Portugal no Século XVIII*, ed. cit., p. 33.

¹⁷ António Gedeão, "Poema para Galileo", *Obra Completa*, ed. cit., p. 205.

em António Gedeão, não deixa de ser ambivalente a visão que ambos possuem da "máquina da História, que fabrica/ os dias do futuro/ com a sucata das horas do presente".¹⁸ Essa ambivalência reflecte-se, por um lado, na ironia com que se retraza a epopeia portuguesa, nunca tão forte como no *Poema do fim do mundo*, um dos *Poemas Póstumos*. Aí, os despojos dos Descobrimientos, dados à costa num cenário apocalíptico e desde logo diminuídos pelos seu carácter naufragado, disperso, fragmentado, são ainda sublinhados por comentários irónicos ("Que chatice, pá!", "Que lixarada, pá"), que culminam na citação paródica da proposição de *Os Lusíadas*: "As armas, pá./ E os barões, pá./ Assinalados, pá."¹⁹

Mas, a visão irónica das Descobertas estava já patente no volume *Teatro do Mundo*, desde logo no *Poema da malta das naus*, bastando a coloquialidade do registo de língua usado no título para deixar antever a subversão da epopeia e da aventura marítima que nesses versos ocorre. É épico, decerto, este poema, embalado pelo ritmo das quadras heptassilábicas e escorado no tema do arrojo alimentado pelo sonho, mas veja-se que se trata de um arrojo quase involuntário, fortuito:

Lancei ao mar um madeiro,
espetei-lhe um pau e um lençol.
Com palpito marinheiro
medi a altura do sol.

Deu-me o vento de feição,
levou-me ao cabo do mundo.
Pelote de vagabundo,
rebotalho de gibão.²⁰

Esta desconstrução da epopeia vinha desde o próprio *Poema épico de Máquina de Fogo* (por ironia, são sempre acentuadamente anti-épicos os poemas de Gedeão que se reclamam do género épico no próprio título). Aquele é efectivamente epopeia do avesso: o rapagão da camisola vermelha, a filha do alfaiate, o homem da barba por fazer, o da face doente, afundados no seu quotidiano mesquinho, "Sentados às soleiras

¹⁸ António Gedeão, "Poema da praça pública", *Obra Completa*, ed. cit., p. 275.

¹⁹ António Gedeão, "Poema do fim do mundo", *Obra Completa*, ed. cit., pp. 254-256.

²⁰ António Gedeão, "Poema da malta das naus", *Obra Completa*, ed. cit., p. 151.

das portas/ mordendo a língua na tarefa inglória,/ com letras gordas e por linhas tortas/
vão redigindo a História".²¹

A visão da História, já não apenas a portuguesa, mas a do Homem, surge eivada do mesmo desencanto ou "alegre desespero", como no poema com o mesmo nome, onde nem o tom sereno nem os laivos de humor e ironia disfarçam o sentimento de abatimento e de impotência perante a corrosão operada pela passagem do tempo:

Compreende-se que lá para o ano três mil e tal
ninguém se lembre de um certo Fernão Barbudo
que plantava couves em Oliveira do Hospital,

ou da minha virtuosa tia-avó Maria das Dores
que tirou um retrato toda vestida de veludo
sentada num canapé junto de um vaso com flores.

Compreende-se.

(...)

Mais império menos império,
mais faraó menos faraó,
será tudo um vastíssimo cemitério,
cacos, cinzas e pó.

Compreende-se.

Lá para o ano três mil e tal.

E o nosso sofrimento para que serviu afinal?²²

Esta compreensão disfórica da História do Homem e da história de cada indivíduo atinge o seu clímax no *Poema do Homem Novo*. Numa hábil e irónica construção em suspense, descreve-se o desembarque na superfície lunar do astronauta Niels Armstrong, o tal que proferiu as célebres palavras – é um pequeno passo para o homem, é um grande passo para a humanidade – , com as quais também "No calendário

²¹ António Gedeão, "Poema épico", *Obra Completa*, ed. cit., p. 189.

²² António Gedeão, "Poema do alegre desespero", *Obra Completa*, ed. cit., pp. 220, 221.

da História sublinhou-se com espesso traço/ o memorável feito", sugerindo-se nos primeiros versos a novidade resultante de todo o aparato tecnológico do equipamento posto ao serviço da expedição:

Tudo nele era novo.
Vestia quinze fatos sobrepostos.
Primeiro, sobre a pele, cobrindo-o de alto a baixo,
um colante poroso de rede tricotada
para ventilação e temperatura próprias.
Logo após, outros fatos, e outros e mais outros,
catorze, no total,
de película de *nylon*
e borracha sintética.
Envolvendo o conjunto, do tronco até os pés,
na cabeça e nos braços,
confusíssima trama de canais
para circulação dos fluidos necessários,
da água e do oxigénio.
A cobrir tudo, enfim, como um balão de vento,
um envólucro soprado de tela de alumínio.
Capacete de rosca, de especial fibra de vidro,
auscultadores e microfones,
e, nas mãos penduradas, tentáculos programados,
luvas com luz nos dedos.

Numa cama de rede, pendurada
da parede do módulo,
na majestade augusta do silêncio,
dormia o Homem Novo a caminho da Lua.²³

Contudo, e cumprindo a estratégia do falso começo que já Jorge de Sena apontava como recorrente na obra poética de Gedeão²⁴, o desfecho é surpreendente. À distância de

²³ António Gedeão, "Poema do homem novo", *Obra Completa*, ed. cit., p. 298.

mais de trinta anos (os que vão da publicação de *Movimento Perpétuo*, em 1956, onde, recorde-se, o "desembarque em foguetão/ na superfície lunar" fechava a enumeração triunfante de *Pedra Filosofal*, à publicação dos *Novos Poemas Póstumos*, em 1990), tudo muda:

Mais um passo.

Mais outro.

Num sobre-humano esforço

levanta a mão sapuda e qualquer coisa nela.

Com redobrado alento avança mais um passo,

e a Humanidade inteira,

com o coração pequeno e ressequido,

viu, com os olhos que a terra há-de comer,

o Homem Novo espetar, no chão poeirento da Lua, a bandeira da sua Pátria, exactamente como faria o Homem Velho.²⁵

Assim, o progresso tecnológico que permite a ida do homem à lua contrasta com o retrocesso que o seu gesto pequeno, preconceituoso, velho, representa. Mais do que a mera expressão da desilusão devida à passagem do tempo, à idade do poeta ou às condições do seu momento histórico, lemos aqui o protesto, que tantas vezes Rómulo reiterou e o seu inseparável amigo António pôs em verso, contra a tentação de se encarar a tecnologia como fim e não como meio, um protesto, em última instância, contra a cisão entre a cultura científica, fora da qual qualquer concepção do mundo é absurda, e a cultura de raiz humanista, que se alimenta da primeira mas também lhe dá sentido.

Rómulo e António exprimiram, pois, exemplarmente, a alegria do homem perante as imensas possibilidades da ciência, mas também a sua inquietação face às ameaças dessas mesmas possibilidades e o seu desencanto face à impossibilidade de elas resolverem, por si mesmas e sem o fundamento de um pensamento global, os problemas essenciais da humanidade.

²⁴ Jorge de Sena, "A poesia de António Gedeão (Esboço de análise objectiva)" in António Gedeão, *Obra Completa*, ed. cit., p. 66 e seguintes.

²⁵ António Gedeão, "Poema do homem novo", *Obra Completa*, ed. cit., p. 299.

E, no entanto, neste equilíbrio de euforia e disforia, de afirmações e interrogações, de desconfiança e suave esperança, estejam em causa valores científicos, sociais ou simplesmente humanos, sente-se a presença de uma epopeia mais verdadeira do que qualquer tentativa poética oitocentista de dar voz às teorias utópicas da evolução contínua da civilização em direcção ao progresso moral e à felicidade. Não falta a essa epopeia, a de Rómulo de Carvalho / António Gedeão, a consciência de que qualquer tentativa poética ou artística, qualquer obra de criação humana, são incapazes de completar o seu criador e de expressar cabalmente a intensidade do drama que vive cada homem nascido; pois "Nem palavras,/nem cinzéis,/ nem acordes,/ nem pincéis,/ são gargantas deste grito."²⁶ Não falta a essa epopeia, sequer, implícita ou explícita, sempre a ânsia de transformação, de uma concretização adiada. O homem novo está por inventar. Reparem que voltei ao primeiro poema que citei, *O Homem*, e reparem que, não por acaso, chamámos a este Colóquio, *Novos Poemas para o Homem Novo*.

²⁶ António Gedeão, "Homem", *Obra Completa*, ed. cit., p. 91.